



EIXO: FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA, ETNOEDUCACIONAL, INTERCULTURAL, AMBIENTAL E DE MIGRANTES

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO PAUTADO NA MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA INCLUSIVA EM ESTUDANTES COM TEA ASSOCIADO AO TDI

Amanda Muccini Santana Trabuco

SEDUC - FSA

amuccinist@gmail.com

Resumo

O modelo educacional vem sofrendo incisuras e tem evidenciado esgotamento de seus paradigmas, que passam a ser contestados, imprimindo com isso a necessidade de reinterpretação do espaço escolar, dos seus conhecimentos, do currículo que não pode se distanciar da cultura, das diferenças e identidades expressas nesses ambientes. Em meio a tudo isso, neste cenário contemporâneo, a trajetória da autonomia do professor frente às condições circulantes em sala de aula faz emergirem novas reflexões e exigências teóricas e metodológicas, possibilitando que ele imprima em sua práxis sentidos subjetivos as mediações pedagógicas atribuídas à inclusão escolar. Imbernón (2011) aclara que o professor não deve refletir unicamente sobre sua prática, mas sua reflexão deve atravessar as paredes da instituição para analisar o tipo de interesses subjacentes à educação, à realidade social, com o objetivo concreto de obter a emancipação das pessoas. Refletindo sobre o processo formativo e as mediações pedagógicas inclusivas, Freire (1996) elucida que é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário a reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. Nessa perspectiva, em acordo com Lima (2011) pensar o sentido inclusivo em formação de professor é visualizar o ser humano em suas possibilidades, nos seus desejos, nas suas buscas, percebendo a deficiência como uma condição humana, que não define o ser na deficiência, mas define a especificidade da mediação fundante para eliminar barreiras. Diante disso, é preciso repensar o trabalho do professor considerando a sua formação profissional, que perpassa desde a sua formação inicial até a contínua ampliação desta formação. No tempo presente, desvelar a complexidade do sentido inclusivo tem sido um desafio para o processo de

construção de conhecimento pessoal e formativo do professor, na tentativa e necessidade de compreensão desse cenário de multiplicidade. Esse processo é contínuo e subjetivo, porque perpassa pela compreensão do vivido e da presença da pluralidade. Refletindo sobre a deficiência e as narrativas dos professores que passam a atuar em sala de aula em que há estudantes neurodivergentes, e no caso desta investigação, em particular, surge a seguinte indagação: como professores dão significado e ressignificam as mediações pedagógicas atribuídas à inclusão escolar de estudantes que apresentam o Transtorno do Espectro Autista associados ao Transtorno do Desenvolvimento Intelectual? Sabe-se que é muito comum no ambiente escolar um reforço da condição neurobiológica, imprimindo e dificultando a condição do processo de inclusão, limitando o funcionamento e promovendo a incapacidade no estudante com deficiência. Em contraste os estudos sobre deficiência fornecem uma compreensão de que as deficiências precisam ser vistas e reconhecidas por lentes sociais, ou seja, entendem que o sistema social incapacita as pessoas com deficiência. Diniz (2007) expõe que a deficiência é um conceito complexo que reconhece o corpo com lesão, mas que também denuncia a estrutura social que oprime a pessoa deficiente. Segundo Valle (2019) as escolas parecem incapazes de conceituar os estudantes com deficiência de outra forma que não seja como pessoas que precisam de uma “cura”, alcançada por meio de “serviços apropriados”, feitos para restaurar a normalidade ou, pelo menos, chegar o mais próximo possível dela. De acordo com Mantoan (2015) a escola se democratizou, abrindo-se para novos grupos sociais, mas não fez o mesmo em relação aos conhecimentos trazidos por esses grupos às salas de aula. Exclui, ainda os que ignoram o conhecimento que ela valoriza e, assim entende que a democratização é massificação e ensino, barrando a possibilidade de diálogo entre os diferentes lugares epistemológicos. Em vista disso, esse estudo objetiva refletir sobre o que dizem as pesquisas acadêmicas brasileiras sobre a práxis e formação dos professores frente aos estudante com TEA associado ao TDI. Partindo desses levantamentos, identificar quais as adversidades mais significativas, quais procedimentos, ações e/ou metodologias são acessadas pelos professores para alcançar esses estudantes/aprendentes no processo de ensino e aprendizagem. Assim, como procedimento metodológico (servindo como base teórica e de análise) foi realizado uma revisão bibliográfica, através de textos acadêmicos brasileiros e livros que pudessem discutir de forma mais aprofundada os temas específicos mencionados neste estudo. Por meio da pesquisa realizada na base de dados da SciELO, foram identificados 14 produções acadêmicas, dentre eles, 4 se alinham aos objetivos deste estudo, partindo da análise das seguintes observâncias: formação

de professores para educação especial na perspectiva inclusiva; e concepções e práticas docentes com estudantes com TEA. Os resultados tendenciam para a relevância da formação inicial e contínua do professor para a práxis da educação especial na perspectiva inclusiva. Todavia há de se considerar que, o distanciamento ou estreitamento da teoria/legislação com a prática/mediação pedagógica nas escolas perpassa também pela formação de professor; e, como cada sujeito docente elabora e reelabora conceitos, concepções e práticas mediadoras inclusivas frente as dificuldades e incertezas em lidar com estudantes/aprendentes neurodivergentes (TEA, TDI...). Há uma real dificuldade em como planejar, elaborar e executar/mediar metodologias voltadas para o currículo funcional com esses estudantes/aprendentes. Os desafios são reais, entretanto os movimentos de rupturas e fissuras com um modelo excludente é necessário no caminhar formativo, que a todo o momento se depara com a diversidade. Não se pode deixar de destacar que os estudos elucidam que o trabalho para o caminhar de uma cultura educacional inclusiva não acontece de forma solitária (dentro de uma sala de aula); toda a instituição de ensino (gestão, docentes de salas de aula comum, professores de AEE, professores auxiliares), bem como outros profissionais envolvidos no ambiente escolar (porteiro, pessoal da limpeza, secretaria, estudantes) e que dialogam com a escola (psicopedagogos), bem como a família exercem papel relevante no processo de inclusão. Para caminhar na perspectiva inclusiva é preciso reconhecer que a multiplicidade típica ao caráter inclusivo, expressa as diferentes realidades e maneiras de ser, o que de certo mobiliza a formação de professores, impulsionando-os a um movimento de posicionamento reflexivo e a ruptura com o silêncio, a neutralidade, a estigmatização e o preconceito.

Palavras-chave: Formação de professor; Inclusão; Tea.

Referências:

DINIZ, Débora. **O que é deficiência?**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 33.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 - (Coleção Leitura).

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional:** formar-se para a mudança e a incerteza/Franciso Imbernón;[tradução Silvana Cobucci Leite]. – 9.ed. – São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção questões da nossa época; v.14).



LIMA, Iara Maria Campelo. O processo inclusivo em formação de professores. IN: FILHO, Teófilo Alves Galvão; MIRANDA, Theresinha Guimarães (orgs.). **Educação Especial em contexto inclusivo**. Salvador: EDUFBA, 2011. p.69-91.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como Fazer?**. São Paulo, Summus, 2015.

VALLE, Jan W.; CONNOR, David J. **Ressignificando a Deficiência: Da abordagem social às práticas inclusivas na escola**. Porto Alegre: AMGH, 2014. 240 p.